

AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Educação

Coordenador da atividade: Solange Straube STECZ¹

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Autores:Stefano Lopes dos SANTOS;Tiago de Oliveira FELIPE;Rafael Soares

OLIVEIRA;Hugo Henrique Leme da CUNHA²;

Resumo

A demanda por produções audiovisuais na escola é um fato, mas a formação dos professores para a linguagem audiovisual ainda é insipiente. Embora cada vez mais escolas exibam filmes e tenham salas de projeção, o conhecimento sobre cinema, especialmente brasileiro, da maioria dos professores nas escolas públicas é mínimo. Ampliar este conhecimento é o objetivo do projeto de extensão Cinema Educa - Audiovisual e Educação Formação Continuada, selecionado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras e financiado com recursos do Fundo Paraná, que discutimos neste texto. O projeto envolve cinco bolsistas, uma egressa e quatro graduandos de cinema e audiovisual do Curso de Bacharelado em Cinema da Unespar/ Faculdade de Artes do Paraná e visa trabalhar com professores e alunos de escolas da Rede Estadual de Ensino, em parceria com a Diretoria de Políticas e Tecnologias Educacionais/ DPTE da Secretaria de Estado da Educação/SEED. A proposta é facilitar o encontro entre alunos de cinema e a comunidade escolar, através da linguagem audiovisual que permite leituras e significados múltiplos, ampliar as possibilidades de seu uso em atividades pedagógicas ou lúdicas dentro da escola e reforçar as relações entre extensão e pesquisa. Consiste de duas grandes linhas : realização de oficinas de prática e teoria audiovisual, e sessões comentadas de filmes - Conversas sobre o cinema brasileiro. Trabalhamos a partir da perspectiva do processo, da conectividade dialógica onde os referenciais teóricos subsidiam a prática extensionista que transforma os sujeitos que revisam as teorias saindo transformados ao final do processo. Propomos um encontro com a arte, que é mais uma iniciação do que uma aprendizagem, pois ao trabalhar com o audiovisual partimos da premissa de que pode-se obrigar alguém a aprender, mas não se pode obrigá-lo a ser tocado, que é o que buscamos com nosso trabalho.

Palavra-chave: audiovisual e educação; formação audiovisual; cinema brasileiro.

¹ Professora Dra. Solange Straube Stecz, professora, Curso Graduação em Cinema e Audiovisual e Programa de Pós Graduação em Artes PPGARTES.

² Stefano Lopes dos Santos;Tiago de Oliveira Felipe;Rafael Soares Oliveira;Hugo Henrique Leme da Cunha - graduandos Curso Graduação em Cinema e Audiovisual

Introdução

A demanda por produções audiovisuais na escola é um fato, mas a formação dos professores para a linguagem audiovisual ainda é insipiente. Embora cada vez mais escolas exibam filmes e tenham salas de projeção, o conhecimento sobre cinema, especialmente brasileiro, da maioria dos professores nas escolas públicas é mínimo. Seu repertório, em geral, abrange os blockbusters nacionais, filmes de bilheteria que ocupam a pequena faixa do mercado exibidor que não está ocupada pelo cinema estrangeiro. Entre as explicações possíveis está o pouco acesso à produção nacional que cresce a a cada ano conforme dados do Observatório do Audiovisual ³, que registra dos 659 títulos exibidos em 2018, 236 filmes brasileiros, sendo 163 lançamentos de longas metragens. Há uma grande produção, mas distante dos professores. Em seu imaginário ainda persiste a idéia que o cinema brasileiro é em sua maioria focado em violência e sexo. Desconhecem a produção autoral, tem dificuldade de acesso ao curta metragem. Não há como culpá-los, uma vez que as salas de cinema absorvem os títulos de interesse comercial, como “Minha vida em Marte” de Suzana Garcia e estreado por Paulo Gustavo e Mônica Martelli, que uma semana após seu lançamento havia atingido mais de 3 milhões de espectadores.⁴ Sim, um fato importante para o cinema nacional, mas um título entre os quase duzentos lançados no ano.

Desenvolver atividades de formação continuada para professores é uma maneira de tentar alterar este quadro, de ampliar o olhar e a reflexão sobre a produção brasileira.

Este é o objetivo do projeto de extensão Cinema Educa - Audiovisual e Educação Formação Continuada, selecionado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras e financiado com recursos do Fundo Paraná. O projeto envolve cinco bolsistas, uma egressa e quatro graduandos de cinema e audiovisual do Curso de Bacharelado em Cinema da Unespar/ Faculdade de Artes do Paraná e que visa trabalhar com professores e alunos de escolas da Rede Estadual de Ensino, em parceria com a Diretoria de Políticas e Tecnologias Educacionais/ DPTE da Secretaria de Estado da Educação/SEED. As escolas escolhidas integram o programa Escola Conectada, que está modernizando os sistemas de informática dos colégios da rede estadual. O Projeto Piloto Conectados tem por objetivo estimular a diversificação da prática pedagógica nas escolas, de maneira a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem e com a organização escolar. As escolas que participam do projeto recebem equipamentos de audiovisual e outros que visam ampliar o acesso às novas tecnologias de informação. São realizadas oficinas práticas de formação audiovisual nas escolas participantes, sessão mensal de filmes seguida de debates e um curso de linguagem audiovisual no DPTE.

A proposta é facilitar o encontro entre alunos de cinema e a comunidade escolar, através da linguagem audiovisual que permite leituras e significados múltiplos e ampliar as possibilidades de seu uso em atividades pedagógicas ou lúdicas dentro da escola. E também reforçar as relações entre extensão e pesquisa uma vez que os alunos bolsistas refletem sobre sua prática ao longo de todo o processo, realizando registros em um diário

³ <https://oca.ancine.gov.br/painel-interativo>

⁴ O filme foi lançado em 25 de dezembro de 2018 e ao final da primeira quinzena de janeiro de 2019 registrou 3.076.092 espectadores em todo o país..

de campo⁵ que servirá de base para a produção de artigo ao final do projeto. Impressões de cada encontro são inseridas e discutidas em grupo visando o aperfeiçoamento do trabalho.

O trabalho está sendo desenvolvido no Colégio Estadual Nossa Senhora Conceição, localizado no município de Campo Magro, com 341 alunos da área rural; Colégio Estadual. Profa Marli Queiroz Azevedo com 1601 alunos, no bairro Cidade Industrial; Colégio Estadual Euzébio da Mota com 1159 alunos, bairro Boqueirão e Colégio Estadual Narciso Mendes com 1012 alunos, no bairro Xaxim, esses últimos do município de Curitiba. Planejado para a formação de professores o projeto incorporou também oficinas de audiovisual para os alunos dos colégios envolvidos, atendendo uma demanda das próprias escolas. Desta forma dá continuidade à web série “Meu Mundo Minhas histórias” iniciada em 2017 através de projeto também financiado pelo Fundo Paraná, maximizando os recursos recebidos.

O cinema no espaço escolar pode impulsionar um novo olhar voltado ao mundo, que se dá através do encontro com a alteridade. Um encontro promovido pela imagem em movimento e que ultrapassa o padrão tradicional da escola onde o cinema é instrumentalizado e didatizado. Esta é a teoria de Alain Bergala que propõe em “Hipótese-cinema” (2008) uma nova relação com o mundo através do contato com os filmes observando que, por seu caráter perturbador, o cinema, concebido como arte, não pode ser disciplinarizado sem perder o seu conteúdo artístico.

O enclausuramento nessa lógica disciplinar reduziria o alcance simbólico da arte e sua potência de revelação no sentido fotográfico do termo. A arte para permanecer arte, deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo de desordem. A arte é um elemento perturbador dentro da instituição. Ela não pode ser concebida pelo aluno sem a experiência do “fazer” e sem o contato com o artista, o profissional, entendido como corpo “estranho” a escola, como elemento felizmente perturbador de seu sistema de valores, de comportamento e de suas normas relacionais. O ensino se ocupa das regras, a artes deve ocupar um lugar de exceção. (...) A arte deve permanecer na escola como uma experiência a parte, cuja alteridade radical os alunos devem experimentar. (BERGALA, 2008, p.30)

Para ele, o cinema se situa no lugar da criação de conhecimento, e não no de consumo e entretenimento. Nada poderá substituir a primeira emoção que marca todo o verdadeiro encontro com o cinema que transformar uma escola antiga e com uma reduzida concepção de arte e linguagem artística.

Nossa proposta de formação busca responder à pergunta: que espectador deve ser um professor? Será o mestre, no exercício de seu ofício? O espectador comum que traz suas vivências, seu gosto pessoal para a escola? Ou um espectador especializado, intérprete das linguagens audiovisuais, familiarizado com a produção cinematográfica nacional e com acesso às produções que estão fora do circuito comercial e que competem no mesmo

⁵ Utilizamos o referencial da antropologia para a produção do diário de campo como instrumento indispensável o registro detalhado das informações, observações, bem como as reflexões que surgem durante todas as atividades.

espaço da indústria cinematográfica norte-americana. Na relação com o cinema o professor se vê diante de muitos desafios, de uma linguagem que brota do imaginário, mas que também exige um referencial técnico. É neste enlace que a parceria com a Universidade pode ser profícua ao juntar os saberes da técnica, da educação, e do imaginário. Levar o filme à escola para além de sua instrumentalização pedagógica é também pensar sobre as questões da alteridade. Significa retirá-lo do lugar de instrumento didático, legitimando sua condição de ato criativo.

Metodologia

O projeto possui duas grandes linhas :

Realização de oficinas de prática e teoria audiovisual, com participação de cerca de 50 professores (entre curso realizado no DPTE e nos colégios), onde são discutidos aspectos da linguagem audiovisual e seus elementos constitutivos, como a narrativa e a produção em suas diversas fases. Discutimos desde a concepção da idéia para um projeto audiovisual, a Estruturação do roteiro, iluminação, fotografia, direção de arte e demais elementos de produção e pós-produção. Cada aula é ilustrada com filmes e exemplos que permitirão aos professores

Sessões comentadas de filmes, denominadas Conversas sobre o cinema brasileiro. Foram escolhidos filmes nacionais, preferencialmente lançamentos e documentários de longa-metragem, sessões de curta metragem produzidas pelos alunos do curso de Cinema e Audiovisual da Unespar. Para as duas primeiras sessões realizadas em abril e maio de 2019, escolhemos os filmes “Nunca me sonharam” de Cacau Rhoden, que trata dos desafios do presente, as expectativas para o futuro e os sonhos de quem vive a realidade do ensino nas escolas públicas do Brasil. Estudantes, gestores, professores e especialistas discutem uma reflexão fundamental e urgente sobre o valor da educação. O debate contou com a presença do diretor do filme. Para o mês de maio traremos “Meu bebe Reborn”, documentário de Joana Nin, que estará presente para o debate e que aborda uma cultura de nicho bastante curiosa. 'Bebê Reborn' é um tipo de boneco extremamente realista, cuidado por adultos como se fossem seus filhos.

As exhibições de filmes contam com o apoio da Fundação Cultural de Curitiba através de cessão de espaço do Cine Guarani, sala de exibição localizada no Centro Cultural Portão com 165 lugares, viabilizando o encontro com a sala escura e a vivência do cinema no espaço para o qual foi criado.

Desenvolvimento e processos avaliativos

As ações realizadas no projeto, iniciado em outubro de 2018 compreendem a formação da equipe, através de grupo de estudos de textos teóricos que envolvem noções de cultura da convergência, estudos das relações do adolescentes e professores com o audiovisual e novas tecnologias. Complementam o que está contido na grade curricular e vão além propondo a aplicação destes conhecimentos teóricos no dia a dia do projeto. O encontro amplia o olhar, identifica novos espaços de trabalho para os alunos e aproxima a comunidade da Universidade, através de trocas que enriquecem cada um dos envolvidos. Para os bolsistas permite uma vivência da realidade de bairros afastados do centro e com uma escola localizada no município de Campo Magro, localizada a 30 quilômetros de Curitiba. O que exige aprofundar o conhecimento de cada uma destas realidades, tão distantes de cada um dos integrantes do projeto. Vivências que provam o impacto e a transformação proporcionados pela atividade de extensão que estão explicitadas nos relatos dos bolsistas em seus diários de campo onde refletem sobre sua prática e buscam soluções. Como alunos de um curso de bacharelado, não tem vivências de práticas pedagógicas e precisam construir estratégias à medida que surgem os desafios :

Hoje foi o dia de se pôr em xeque. A aula, sempre lotada com no mínimo 16 alunos e alunas, foi mais impossível do que jamais fora, em todos os níveis. Até os alunos que nos encontros anteriores demonstravam interesse e ouviam-nos enquanto falávamos desta vez não se comportaram na sala. Ao mesmo tempo, uma das alunas que mais perturbava a sala, no sentido caótico da palavra, falando alto e provocando colegas e chamando a atenção, desta vez resolveu colaborar inclusive vez ou outra pedindo silêncio para os colegas. Entendemos, enfim, que a questão que os deixa agitados é a situação de sala de aula, em que eles são postos em subordinação a quem fala, silentes e comportados. Os estudantes estão no contraturno, em breve retornarão ao colégio para passar mais quatro horas sentados assistindo a aulas. A frustração do mal andamento da oficina fez com que, particularmente, eu tivesse medo de inovar. Mas o último encontro chegou no limite comportamental e de encarar a situação. Resolvemos, Lindrielli e eu, que a partir de semana que vem não haverá mais aulas expositivas - eles já têm isso demais.(Stefano - Oficina com alunos do Colégio Estadual Euzébio da Mota)

Considerações Finais

Buscamos a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, compreendida como "uma ideia uma porque vinculada à unidade do conhecimento" (SANTOS, 1999, p.

188). Cada projeto se abre para a ecologia dos saberes como nos ensina Boaventura de Sousa Santos e Edgar Morin⁶. Para estes autores, o pensamento ecologizado percebe que tudo está em relação e em conexão, pesquisa e extensão (ensino naturalmente). Trabalhamos a partir da perspectiva do processo, da conectividade dialógica onde os referências teóricas subsidiam a prática extensionista que transforma os sujeitos que revisam as teorias saindo transformados ao final do processo. Bolsistas, professores, alunos das escolas vivenciam em projetos de extensão como o que propomos um encontro com a arte, que é mais uma iniciação do que uma aprendizagem, pois ao trabalhar com o audiovisual partimos da premissa de que pode-se obrigar alguém a aprender, mas não se pode obrigá-lo a ser tocado, que é o que buscamos com nosso trabalho.

Referências

- ALMEIDA, Milton José. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Tradução Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink/UFRJ, 2008.
- FRANCO, M. S. . **Hipótese-cinema: múltiplos diálogos**. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, v. 05, n.9 p. 01-16, jan/jul 2010.
- FRESQUET, Adriana (org) - **Aprender com Experiências do Cinema: desaprender com imagens da educação - Coleção Cinema e Educação**. Editora:Co-edição Booklink/Cinead/ Lise FE/UFRJ, 2009.
- _____. Dossiê Cinema e Educação # 1: uma relação sob a hipótese de alteridade de Alain Bergala. Rio de Janeiro: Booklink; CENEAD – LISE – FE/UFRJ: 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social na pós-modernidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777- 821

[www.http://oca.ancine.gov.br/](http://oca.ancine.gov.br/)

⁶ Para Edgar Morin, ecologizar implica ultrapassar as limitações reductoras e disjuntoras do paradigma de simplificação que coloniza o pensamento contemporâneo. O pensamento ecologizado se abre para as vias regeneradoras do conhecimento sobre o homem na relação consigo, com a sociedade, com a natureza e o cosmos Conforme Cincotto Junior, Sidney IN; Revista Internacional de Ciências Humanas Volume 3.N.2 - <http://journals.epistemopolis.org/index.php/humanidades/issue/view/36>